



Cibele Saliba Rizek*

Discutindo cidades e tempos

72

* professora PPG Arquitetura e Urbanismo IA-USP São Carlos

Descobri que tenho altares secretos. Altares construídos com lembranças e imagens de pequenos objetos que me fazem sorrir porque me consolam. Esses pequenos altares são nichos imaginários, dedicados a alguns dos meus amigos que já partiram e àqueles que me ensinaram a viver e a pensar. Alguns desses altares me habitam secretamente há anos. Vão ficando lá como se sempre tivessem feito parte de mim. Talvez sejam tão parte de mim que não consiga mais perceber em que momento os construí. Há um desses pequenos altares que ainda dói, mostrando que provém de ferida recente. É um altazinho bem branquinho, delicado e singelo que está lá por causa de Ana Clara – ela também delicada, com uma fala poderosa recoberta por uma clareza e singeleza que impressionavam aos que puderam ouvi-la. A ela e à promessa que lhe fiz em Salvador, em agosto de 2011, dedico essas linhas...

Há doze 12 anos atrás, em uma homenagem a Marilena Chauí realizada em Londrina e em São Paulo, pude presenciar um desses momentos em que o pensamento está em ebulição. Tratava-se de uma aula-conferência sobre a noção de tempo que não pôde ser transcrita, ainda que tenha sido parcialmente reproduzida em livro publicado recentemente - *Diálogos com Marilena Chauí*. Na aula de Londrina, Chauí fazia uma digressão sobre a história e as questões que diziam respeito à idéia ideia de tempo. Uma espécie de história do tempo ocidental e de seus sobressaltos ou das relações entre tempo, continuidade e acontecimento. A idéia ideia de tempo como diferença foi então desenhada a partir das Confissões de Agostinho, relidas muitos séculos mais tarde por Merleau-Ponty. Assim a ideia mesmo de confissão - ou de confessar-se - poderia ser pensada como tangência entre seres imersos

no tempo – os homens – e um ser fora do tempo, um deus onisciente e onipresente para quem talvez não fizesse nenhuma diferença o momento em que se conhece a ação ou o ato do pecado. A confissão seria, assim, diferença e diferença de si não para o interlocutor fora do tempo, mas para os sujeitos de uma experiência do tempo e no tempo, para seres imersos no tempo. A produção da diferença de si, a produção do diverso distinguiria então tempo e acontecimento de pura extensão e duração – isto é, da existência e da continuidade como possibilidade de extensão do mesmo sem pontos de inflexão, como linearidade que vincula e homogeneiza passado e futuro. Assim a possibilidade da confissão – e de ter a quem confessar – mesmo que esse a quem confessar possa ser uma espécie de si mesmo como outro – é a possibilidade de uma experiência de si diversa no tempo e pelo tempo, diversa pela produção do tempo. Talvez, a lentidão seja menos duração e continuidade do que outra experiência do tempo, para além do tempo da mercadoria e da voracidade dos processos recentes de acumulação que parecem ser a negação da possibilidade dessa experiência. Talvez o tempo como diferença de si, que pressupõe reconhecimento, reflexividade, alteridade e palavra, no ato mesmo da confissão seja necessariamente um tempo e uma experimentação de homens lentos, homens capazes ainda de reconhecimento do outro e de seu desdobramento, a possibilidade de reflexão e da produção da diferença de si.

O que as cidades e em particular as nossas cidades têm a ver com isso? A cidade como lugar do estranho e do diverso, para além da comunidade de iguais, a cidade como testemunho dos acontecimentos – vistos como diferença – assim como possibilidade do encontro com outros tempos, para além da memória oficializada, para além da museificação e patrimonialização, para

além da repetição cotidiana e da produção de uma presentificação do tempo, pode testemunhar por seus espaços e por sua duração, nas suas dobras e opacidades, nas suas rugosidades, uma lentidão que resiste ao ritmo voraz de uma transformação que torna translúcidos os processos de produção do mesmo, de extensão e de duração como uma espécie de esfacelamento e apagamento. É curioso perceber nesse sentido uma gestão das cidades que é sempre também uma gestão do tempo por instrumentos cuja dimensão mais importante seja a visibilidade, não por acaso, “em tempo real”, um tempo gestor, um tempo da administração dos ritmos e de suas repetições ad nauseam.

Ora o que se apreende de uma dimensão que ganha e perde relevo é que as inquietações sobre o tempo, a experiência do tempo e a possibilidade/impossibilidade de viver e experimentar a cidade têm desdobramentos políticos. Nas palavras de Chauí:

[...] procurei assinalar a peculiaridade do tempo [...] judaico-cristão, comparado ao tempo grego ou romano, para mostrar que esses dois últimos se apresentam como tempos naturais, quer apareçam como cíclicos – em um pensamento do ‘eterno retorno’, da natureza como eterno retorno – quer como uma linha finita, o tempo do nascimento e da morte. O tempo antigo é o tempo da repetição ou da finitude crua. Assim, a peculiaridade do tempo judaico-cristão é que esse tempo é um tempo dramático; é um tempo que é uma narrativa. Neste caso tem a criação, tem a queda do anjo, tem a queda do primeiro homem, a promessa de redenção, a encarnação, a paixão, a morte e a ressurreição e tem a promessa do juízo final. [...] A peculiaridade desse tempo não é só que é um tempo de narrativa, um tempo dramático; ele também é o tempo da relação do homem com Deus. [...] é um teofania e uma epifania. É um tempo providencial que se

constitui como relação do finito com o infinito. [...] Como é um tempo dramático, é responsável pela idéia de progresso, pela idéia de que há uma finalidade que vai se realizar [...] Ocorre, entretanto, que a perspectiva messiânica, depois do advento de Cristo, se torna uma heresia, ... (já que) afirma que estamos na injustiça e a justiça virá, que estamos nas trevas e a luz virá...

... para tomar uma expressão de Merleau Ponty que faço minha ‘o tempo é uma inquietação, uma diferenciação e uma (des)diferenciação, uma criação de relevo e de perda de relevo’. [...] Santo Agostinho tinha toda a razão: o tempo é um intensio e um distensio. Ele é uma inquietação.”

O tempo inquieto da cidade, o tempo narrado, um passado que se presentifica, o velho que abocanha o novo e transforma acontecimento em duração, a voracidade contínua de um tempo mercantil que consome aquilo mesmo que o define, fazendo da inquietação, ansiedade – talvez a possibilidade da lentidão seja, no âmbito dos contrapontos e daquilo que não se deixa devorar – a única experiência/ ou mesmo procura de experiência em que alteridades, avessos, tateios permitam entrever uma outra cidade, a cidade de um outro tempo, já devorada, transformada e retificada, espetacular, veloz, cenarizada, tematizada. Como somos habitados pelas cidades que habitamos é possível desdobrar essas dimensões para a esfera das disposições subjetivas que mimeticamente se arranjam aos pedaços que definem cada um de nós, pedaços eles também devorados, retificados, espetacularizados, vítimas da velocidade e da efemeridade, cenarizados, tematizados. Aí talvez, com Simmel, seja possível identificar a tragédia da cultura moderna e contemporânea. Aí também nas frestas das cidades e nas arestas de nossas subjetividades – talvez resida a possibilidade do reencontro com a lentidão, com o tempo da reflexão

que se faz nas pausas, nos silêncios, na descrença e na crítica impiedosas, nas conversas imaginárias e reais, na experiência perdida da cidade – produto e produtora de um outro tempo, no encontro e desencontro tanto com os que ainda podem ser radicalmente outros fora de nós quanto com esses outros, esses estranhos que nos habitam.

Nesses diálogos improváveis, como o diálogo entre um filósofo do século XX e um dos pensadores do final da antiguidade, diálogos que os filósofos apaixonadamente travam entre si, apesar dos lapsos de tempo que os separam, talvez se possa então encontrar chaves para uma leitura do tempo e das cidades perdidas, na lentidão que se contrapõe à velocidade, na opacidade que esconde aquilo que não se deixa controlar. Entre diferença e diferença de si, entre acontecimento e duração, entre inflexão e continuidade, entre necessidade e contingência, ou dito de outro modo, entre necessidade e liberdade, talvez possamos caminhar muito lentamente entre fragmentos opacos de ruas e casarios, entre esquinas e quebradas, entre aquilo que requer a matriz da necessidade para que possa ser pensado e aquilo que exige a liberdade e a contingência para fazer sentido. Talvez então possamos constatar que entre essas dimensões não há unidade possível, não há conciliação. Melhor assim. Melhor ficarmos com nossas indagações, melhor permanecer no campo das interrogações sobre o tempo e sua experiência, sem unificar necessariamente ângulos de visão, questões e dúvidas, entre as quais, aquelas que se estendem às exigências e o desejo de unidade. “O olhar em separado e a unidade são aparentes atributos do poder. A nós, a tarefa de questioná-los”.

Mais uma palavra final, que talvez ganhe novas significações. Em terra de Caymmi é sempre bom lembrar que ele tinha razão quando cantava: “eu, pelo menos, mereço o direito de ter alguém com quem eu possa me confessar”. 